

POÉTICA E AMIZADE

*Terezinha Maria Scher Pereira**

RESUMO

Este texto corresponde ao início de uma investigação sobre o tema da amizade associado ao problema da vanguarda permanente na obra de Murilo Mendes. A hipótese central é que o poeta coleciona amigos como estratégia de sobrevivência num mundo em crise. O procedimento de colecionar é estruturante em sua obra literária.

Palavras-chave: Murilo Mendes; Coleção; Amizade.

Parte de minha pesquisa atual refere-se à importância da coleção como um dos motivos centrais na estruturação da obra de Murilo Mendes. Tenho me dedicado, principalmente, à sua obra **Retratos-relâmpago**, onde observo como funciona alegoricamente “coleccionar” retratos dos Outros, que, de alguma maneira, impressionaram o poeta juiz-forano. Nestes retratos é notável a intenção de Murilo de deixar falar o Outro, de fazer com que se ilumine a característica específica desse Outro: sua história rastreada, suas marcas, seus fragmentos de identidade. Esse verdadeiro sentido para o conceito benjaminiano de alegoria: a fala do outro pode ser percebida, por exemplo, no retrato que é feito de Pablo Neruda. A história do Chile sufocado, a dor e a morte de Neruda são evocados com vigor. A visionária conceituação alegórica de Walter Benjamin pode mostrar a dimensão da periferia e o seu lugar sempre desestabilizador.

Vinculando o problema da alegoria como reveladora da opressão e, consequentemente, do Outro (da margem) à construção do retrato de Neruda, veremos que Murilo fala apaixonadamente, já que a morte do chileno assume a conotação trágica dos destinos fadados a serem as vítimas diretas das ditaduras sul-americanas. *Páthose* signo recortados, unidos na coleção, mostrando a História da periférica América Latina:

* Universidade Federal de Juiz de Fora.

As erínias-pinochets, montadas em carros de fogo/cólera, desencadeiam o terror no teu profundo Chile, cortam tua palavra saqueiam tuas residências queimam teus papéis. Imediatamente tua morte particular protesta contra a morte plural. (Mendes, 1994, p. 1.285)

Através das escolhas dos textos e dos autores transparece o dado da amizade – a *philia*. Este elemento está por trás das traduções de cultura que o poeta-viajante precisou fazer.

A afetividade e a mirada sobre o seu próprio tempo, eis os ingredientes da utopia e o sentido da memória que agem em direção ao futuro. As dimensões temporais estruturam-se na poética muriliana sob o signo da amizade, e isso não deixa de ser uma estratégia e uma política.

Muitos críticos literários concordam que Murilo Mendes jamais abandona o tom vanguardista, ao contrário de outros modernistas brasileiros, que foram gradualmente se afastando do estilo e da intenção dos manifestos. Não é por acaso que a admiração por Breton e pelo surrealismo aparece referida direta ou indiretamente ao longo de sua obra. Sendo o surrealismo uma das poucas vanguardas que ainda funcionam hoje,¹ a leitura de Murilo por este viés pode ter grande interesse.

O impacto causado pelo surrealismo e pela personalidade artística e biográfica de Breton pode ser visto no destaque dado ao aspecto de “vanguarda permanente” detectado no surrealista, como se lê no retrato-relâmpago de André Breton:

A revolta permanente de Breton, recusando cumplicidade com o sistema corrente do mundo, é modelar; revolta de um asceta pelo avesso, formado na doutrina de Freud que criara e adaptara desde muito cedo para seu uso pessoal. (Mendes, 1994, p. 1.288)

Conjugando o interesse de Murilo pela permanência da vanguarda ao tema da amizade também recorrente em sua obra, veremos que a aproximação se justifica, principalmente quando se quer captar a ética presente na obra muriliana.

Chamamos *philia* ao apelo afetivo através do qual o poeta congrega autores, amigos, artistas, personagens de sua infância para comporem uma assembléia que é permanentemente referida pelo escritor. Seus livros que se estruturam sob forma de coleções, como **Retratos-relâmpago**, **Janelas verdes**, **A idade do serrote** estão repletos de referências afetuosas e de admiração intelectual: o poeta construindo uma fratria como forma de resistência e de libertação.

A valorização da amizade se dá tanto no nível estético, na medida em que funciona como motivo de organização da poética, quanto no nível pessoal. Murilo coleciona amigos assim como sua obra coleciona “personagens”. Sobre a amizade com João Cabral, por exemplo, vejamos o que diz Maria da Saudade Cortesão Mendes:

¹ Temos assistido ao renascimento do interesse da crítica em geral e de artes como a arquitetura por alguma coisa do legado do Surrealismo: o *objet perdu* ou a noção de *uncanny*, por exemplo.

A amizade de Murilo por João Cabral data do ano longínquo em que este chegou ao Rio e, pálido, emocionado, foi visitar o poeta mais velho que tanto admirava. É nesta admiração, desde sempre mútua, que o relacionamento entre ambos, segundo creio, tinha os alicerces mais fundos. As suas afinidades intelectuais eram muitas, e Murilo as enumera (bem como as divergências que os separavam) no seu “Murilograma a João Cabral de Melo Neto”, onde se refere ao “fértil convívio/ e ritmo alternado recíproco” entre eles.

Mas o que acima de tudo os unia era o seu comum amor pela poesia. Para Murilo, ela era a própria vida — “Viver a poesia é muito mais necessário e importante do que escrevê-la (...)”. (Mendes, 1996, p. 17)

Voltando ao nosso intento de observar como a escolha da amizade pode combinar com o espírito de vanguarda na poética muriliana, tentaremos compreender, primeiramente, a construção da fratria nessa poética. Para isso, reportemo-nos ao problema do conflito de gerações e da rebeldia contra a ordem estabelecida, o que não pode ser feito sem menção aos ensaios de Freud *Totem e tabu* e *O mal-estar na civilização*. Se é permitido um resumo, grosso modo, dessas obras, convém destacar o mito do assassinato do protopai pelos filhos na família primordial. O parricídio deveu-se ao regime de escravidão a que os filhos eram submetidos pelo pai, chefe do clã e único possuidor das mulheres da tribo. Isso quer dizer que o pai, simbolizando a ordem e exercendo a repressão, impedia o acesso dos filhos ao prazer (à mulher), com o objetivo de não lhes desviar a energia do trabalho. Os filhos, revoltados, organizam-se em fratrias, matam o pai e criam uma comunidade baseada na liberdade.

O paralelo entre esse mito e a escolha de Murilo Mendes pela amizade termina nesse ponto, já que no relato freudiano a liberdade estabelecida pelos irmãos é apenas provisória. Porque os filhos, percebendo o crime cometido contra o pai, a quem paradoxalmente amavam e odiavam, passam a experimentar um sentimento de culpa. A sensação de mal-estar também se deve ao fato de que os irmãos não conseguem se entender sem as normas anteriores, não conseguindo assim evitar o caos e a destruição do grupo. Não encontrando alternativa a essa situação, o que fazem é ressuscitar o pai, sob forma de leis e tabus, que doravante representarão a autoridade.

No caso da poética de Murilo, essa metáfora do conflito geracional pode ser reinterpretada, já que o poeta parece propor e confiar no estabelecimento de fratrias definitivas. Suas escolhas de amizade e seu gesto de filiação em relação a certos grupos de autores não deixam dúvida que os une, a ele e as suas escolhas, uma sensação de estar desafiando a ordem autoritária em favor daquilo que Hanna Arendt detectou nos gregos: a *philanthropia*, ou “o amor dos homens, pois se manifesta numa presteza em partilhar o mundo com outros homens” (Arendt, 1987, p. 31).

A respeito dessa afirmativa, vamos ver, no livro elegido aqui, *Retratos-re-lâmpago*, alguns exemplos comprobatórios. O retrato de Camus contém os ingredi-

entes que ilustram a opção pela vivência das fraternidades: a juventude, a inteligência, o brilho, e o desejo de partilhar o mundo:

Conheci-o de perto: usava o cilício da lucidez, as alpercatas da crítica. De rigor ético. De exigência estética./ Era jovem, mediterrâneo. Recebendo a luz na mão, levantava-a, copo. Também colhia o movimento, flecha./ Queria visar o justo, experimentar sua resistência. Exercer a pietas. Romper o pão com o adversário./ O movimento apanhou-o na sua roda de fogo. Ele, que toda a vida meditara o absurdo, absorveu-o. Frase para Camus: Se deuses não existissem, como aprenderíamos a polemizar? (Mendes, 1994, p. 1.239)

A mesma proposta libertária, a crença em um mundo de igualdade, onde os irmãos convivam, sem a necessidade de “mais-repressão”, para usar um termo de Herbert Marcuse, mas propondo a ordem da convivência e da criação estética é o que temos no retrato de Bertolt Brecht:

Ele quis levantar no tempo o epos de nosso tempo totalitário.(...)/ Destruir o muro de Berlim, sigla de mil outros muros.(...)/ Construir o espaço sem muralhas nem faraós e césores de camisa preta ou parda. Com siglas de bandeiras decorativas marcando a terra de um e de todos, a terra da paz, do grão e do vinho reconstituídos no seu contexto livre de censuras. (Mendes, 1994, p. 1.240)

Jaime Cortesão tem seu extenso retrato (um dos maiores de todo o livro) adornado com as constantes referências a sua vida toda dedicada à luta pela liberdade, contra a opressão de seu povo. Sobre seu desejo de ser enterrado com o hábito da ordem dos franciscanos, o poeta comenta:

Tal gesto absolutamente não implicava uma “conversão”. De resto São Francisco de Assis não pertence apenas à Igreja Católica, mas a toda humanidade. Cortesão era digno desse hábito: homem pobre, não só por destino mas por vocação, escritor que viveu sempre de sua pena, sem casa e outros bens materiais; que amava fundamente a natureza e o próximo; boníssimo, cristão laico da linhagem dos livres e inconformistas. (Mendes, 1994, p. 1.291)

Essa idéia de cristianismo laico é oportuna para o que estamos tentando defender aqui: avesso à idéia de autoridade, Murilo não explicita com a mesma dramaticidade de um Drummond, por exemplo, sua relação com a figura paterna. De resto, a retratação do pai, em *A idade do serrote*, desautoriza a identificação dessa figura com a ordem repressiva.² Por não ter tido que lutar para afirmar-se diante de um pai, desde o início compassivo e caridoso, Murilo, que dele recebeu a herança da liberdade e da independência, só precisa lutar contra o Poder, quando este vem travestido de fascismo e de injustiça social. Tal luta é fortalecida pela proposta da vida

² Veja-se a propósito, “Meu pai”, nesse livro.

nas fratrias, sem necessidade de termo, já que não há o desejo de se instaurar novamente a repressão após a vitória da fraternidade. Tal vitória para Murilo é a vivência em um mundo justo, repleto de pares, com quem se compartilha o mesmo ideal de justiça. A humanidade se libertará, os homens, seres futuros, um dia serão visíveis, nessa utopia esboçada na idéia de vanguarda permanente. A grandeza dessa obra está principalmente na proposta do diálogo perene, porque esta é uma condição da existência humana e um requisito da poesia de Murilo, que constrói permanentemente seus interlocutores. Enquanto os homens existirem, diz Hanna Arendt, a propósito da obra de Lessing, o discurso interminável entre eles nunca cessará.

ABSTRACT

This paper corresponds to the starting-point of an investigation into the theme of friendship related to the problem of permanent vanguard in the work of Murilo Mendes. The central hypothesis is that the poet collects friends as a survival strategy in a world in crisis. The procedure of collecting is *an essential/a basic* one in his literary work.

Key words: Murilo Mendes; Collection; Friendship.

Referências bibliográficas

- ARENDR, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- MENDES, Maria da Saudade Cortesão. **Cadernos de Literatura Brasileira** – João Cabral de Melo Neto. São Paulo, Instituto Moreira Salles, n. 1, mar. 1996.
- PICCHIO, Luciana Stegagno (Org.). **Murilo Mendes: poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.